

MANOEL VITOR



235.3
V828hi

v.
Antonio de Categero

HISTÓRIA DO BEM-AVENTURADO
ANTÔNIO de CATEGERO

MANOEL VITOR

**HISTÓRIA
DO
BEMAVENTURADO
ANTÔNIO DE CATEGERÓ**



SUA VIDA
SUA DEVOÇÃO

ORAÇÕES

DOCUMENTÁRIO DA FREGUEZIA DO Ó

São Paulo
1967

DOAÇÃO L.	Antônio J. de M. de M.		
EM	12	04	1964

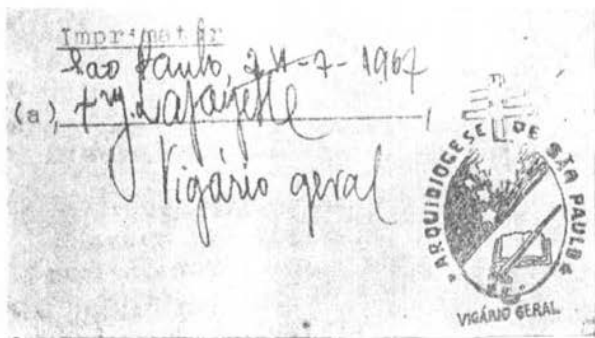
32884

F.T.N.S.A. - Biblioteca	
Data	N.º Chamada
12/5/74	
.....	Registado por
9390	

PARECER DO CENSOR AD HOC

- As fontes citadas são sérias.
- Não se encontra na obra nada de menos ortodoxo ou que possa prejudicar a fé ou a piedade dos leitores.
- A novena é baseada na vida do servo de Deus e além disso já recebeu a aprovação da autoridade eclesiástica.

(a.) Fr. Hugo Baggio, ofm.
Agudos, 3-VI-67
Censor ad hoc



**HISTÓRIA
DO
BEMAVENTURADO
ANTONIO DE CATEGERÓ**

(Completada com dados fiéis procedentes da Santa Sê)

A CIRENÁICA

A história do Bemaventurado Antônio de Categeró começa onde existiu, há tempos, a velha Pentápolis Cirenáica, a mesma lendária e vasta região do famoso "Jardim das Hespérides", que os antigos cultivavam, ao norte da África, entre o Egito misterioso e o deserto da Líbia.

Fundada no século VII A. C. pelos colonos dóricos da ilha de Tera, ali floresceu por longos anos a cidade de Cirene, como um retalho de civilização helênica no Continente Negro.

Chamou-se aquela imensa zona calcárea, de Cirenáica, por derivar o seu nome dessa cidade de Cirene, por sua vez assim designada em louvor à ninfa Cirene, amada de Apolo, na mitologia grega.

Abrangia todo o local que hoje é conhecido como BARKA na Tripolitânia, e já, naquele tempo, desde a grande Sirte (hoje golfo de Sidra) ao golfo de Solum; e do litoral mediterrâneo ao oásis de Audjila.

*

Ninguém poderia supor a importância daquela terra, perdida assim como um acidente no destino do globo.

Tal cenário, se os nossos olhos o pudessem contemplar naquela época lendária, teria ficado em nossa mente como um inédito espetáculo.

De fato, a planura calcárea se alça a 500 metros acima do nível do mar, abatendo-se ao sul para dentro do fabuloso deserto do Sahara e pouco a pouco devorando a planura líbica, onde a calcinante natureza da África colocou o célebre oásis de Siouah, e ainda dois outros menores, de Audjila e Djalo, plantados ambos como notas de misericórdia sobre a aridez cruel das areias.

Mas, nem por estar assim na proximidade dos desertos, deixou a Cirenáica de ser parcialmente fértil, pois a imensa planura era salpicada de píncaros por vezes verdejantes, alguns dos quais chegavam a 800 metros de altura, acima do mar. E ali brotava e se desenvolvia a indústria da criação de carneiros, e de bois, bem como a plantação de cereais e frutas, a que os colonizadores gregos deram, de início, todo o seu zelo.

Com o correr dos tempos, os habitantes brancos e negros, patrões e escravos, cultivavam com solidária atividade o progresso da terra, a tal ponto que a Pentápolis Cirenáica chegou a constituir-se de cinco cidades, a saber: Cirene, Apolonia, Ptolemaida, Tancheira e Berenice.

A supremacia dos gregos fez de Cirene a cidade histórica e hoje sua real importância é atestada pela difusa extensão de suas ruínas, onde a necrópole, atualmente a descoberto pelas escavações, se reconhece como

uma das mais vastas e mais bem conservadas do mundo antigo, sendo do mais puro estilo dórico os túmulos cavados no calcáreo que ali ficaram expostos ao sol da idade moderna.

A INVASÃO ÁRABE

Foi no mesmo século VII, A.C., que a ilustre Cirenáica, já bafejada pela influência cada vez mais acentuada da civilização grega, veio a sofrer a invasão dos árabes, a mais cruel e destruidora arremetida de bárbaros sôbre a próspera região.

Não se podem descrever os horrores dessa incursão odiosa sôbre a tarefa tranquila dos cyrineus. E foi a tal ponto, que a cidade, antes exuberante de labor, estacionou num impacto, expondo por largo tempo as feridas das suas ruínas.

Apenas os árabes remanesceram depois, tentando restaurar a seu modo as culturas e as construções devastadas, subjugando para isso, como escravos, todos os antigos habitantes negros.

UM LAR ESCRAVO

Foi nessas circunstâncias que, muitos séculos depois, haveria de nascer, descendente de um desses lares escravos, o menino que viria a chamar-se ANTÔNIO, de Caltegriona.

Mas, recapitulemos: vamos penetrar o cenário selvagem da época, em que a situação dos nativos era tristemente explorada pelos árabes maometanos.

Com a sua insólita incursão sôbre a antiga terra africana, antes em poder dos gregos, muito modificaram os árabes os costumes da população, adaptando os nativos ao seu credo infiel.

E assim proliferaram os lares escravos, onde as crianças nasciam sem a luz do Evangelho, voltadas desde a sua infância para a doutrina de Maomé.

Foi num recanto dos mais alcantilados das montanhas de Barka, na primitiva Cirene, que nasceu, de pais infiéis; o delicado pretinho que teria de ser em futuro não muito remoto um dos mais belos esteios da fé e da caridade cristã.

Mas, como poderia acontecer isso, se a região tomada por Maomé, na sua ideologia, era tôda ela dominada pelos costumes, pela índole e pela função prática da religião árabe?

São os acidentes da vida, colocado no plano divino reservado por Deus a aqueles que Ele quer escolher para o seu serviço, que determinam tais fatos.

Antes de se tornar Antônio pelo batismo cristão, não se sabe realmente que nome teria recebido dos pais infiéis aquele garotinho que ali nascera tão afeito às virtudes da conformidade, da resignação e da coragem.

Seus pais trabalhavam para os árabes que constantemente negociavam os escravos negros com agenciadores estrangeiros.

Os meninos de tôdas as famílias, à medida que cresciam, eram postos a trabalhar

também sempre que a sua constituição física já demonstrava aptidão para qualquer tarefa.

E foi assim que, após haver atingido a idade adolescente, trabalhando de sol a sol nas terras áridas da Cirenáica, se viu o pequeno escravo ante um dos dilemas mais determinantes da sua vida — o desejo de fugir daquela situação em busca de outras terras onde pudesse, ao sabor da liberdade, dar asas ao seu ideal de fraternidade e de amor.

E, um dia, acabou fugindo mesmo.

Por longos meses vagou sozinho pelas montanhas, perdido e faminto, ocultando-se nos raros arvoredos, sangrando os pés pelos caminhos pedrentos calcinados pela natureza bruta de um clima sempre ardente.

Não conhecia o jovem escravo negro outra religião que a de Maomé, mas qualquer cousa de estranho lhe roía a alma, levando o seu espírito a planos mais altos, na compreensão das maravilhas de um Deus criador, um Deus de bondade, um Deus de amor que não era aquêle a quem seus pais adoravam.

PRISIONEIRO DOS CRISTÃOS

Viveu assim Antônio, ou para melhor identificá-lo — o escravo sem nome, longo espaço de tempo atravessando extensas áreas, dormindo nas grotas, varando planuras desertas, até que foi surpreendido (e aqui é que consideramos por um feliz acaso) e aprisionado.

Mas, os que o encontraram e o levaram consigo já não eram árabes, nem asiáticos,

nem negros, mas sim europeus que ali praticavam o recrutamento de homens válidos para o trabalho de além mar.

Eram cristão aqueles que assim se punham no seu roteiro de fuga.

E o jovem Antônio, prisioneiro dos cristãos, já sem nenhum contacto com a sua família ou com a terra onde aprendera a cultuar a figura de Maomé, se viu assim inteiramente colocado à mercê de um destino que tudo indicava não lhe pertencer, mas à glória de Deus.

E esse Deus êle foi pouco a pouco descobrindo entre os seus novos senhores, à proporção que se identificava com os novos costumes.

Assim trabalhou para os seus aprisionadores até que foi um dia destinado ao trabalho das galeras, e deportado como escravo para nesse mistér servir na Sicília.

Trabalhar em galera era o mesmo que viver fechado em grades. Aquêles que eram escolhidos para tal serviço deviam ser geralmente fortes. Ficavam horas e horas na dura função de remar, postos em fila como animais, no recesso das enormes embarcações do tráfico, suando por todos os póros, mal alimentados, jungidos ao movimento único de puxar os pesados remos, ao som ensurdecedor dos gritos daquele que tinha a missão de chicoteá-los ante qualquer parada ou sinal de fraqueza.

Assim, o negro escravo, que possuía apreciável robustez física, foi longamente sacrificado, de galera em galera, nesse penoso mistér desumano e cruel.

A HISTÓRIA E A CRÔNICA

E é aqui que as crônicas de tempo, coligidas por Frei Antônio Daça, já em 1611, em continuação às crônicas de Frei Márcio de Lisboa, integradas ambas na **Crônica Geral de São Francisco e de sua Apostólica Ordem** (na sua Parte IV), coincidem com o pórtico desse cenário e com os fatos primevos, para relatar e documentar a vida do "santo prêto de alma branca", desde o instante em que foi comprado, em sua condição de escravo, pelo negociante cristão Ivan Landavula, campe-sino de ãbola, perto da cidade de Noto, no então Reino da Sicília.

Vejamos, assim, o desdobramento fiel dessa crônica, cujo texto original se encontra na Santa Sé, como parte integrante das crônicas do Seráfico Pai S. Francisco de Assis, a cuja Ordem, como terceiro franciscano, veio a pertencer o nosso Antônio de Caltegrona.

Como o servo de Deus recebeu o santo batismo e como sucederam alguns milagres que o Senhor operou por êle.

(Frei Antônio Daça — "Crônica Geral de S. Francisco — Parte IV — Livro III — Capítulo XXXVI).

"Quanto é mais vil a matéria e de menos estima aos olhos dos homens, tanto mais resulta acreditado o primor do artífice que a sabe aperfeiçoar e colocá-la em sua finalidade, nela mostrando os primores de sua arte e as vantagens do seu engenho.

E como fazer santos de pecadores é tarefa de imensa dificuldade, como o é de fato, afirmam os próprios santos ser a Deus mais difícil que criar céus e terras. Donde se conclui que, considerando a vileza da matéria, aparece aqui mais acreditado o primor daquele soberano artífice que a soube aperfeiçoar: assim é que de um negro nascido nas montanhas de Barka fez um tão grande santo como o foi o servo Antônio, que não só era negro como os da Guiné e do Congo, como também mouro nascido e criado na lei de Maomé, e filho de pais mouros e negros.

E sua grande ventura, quando Deus assim o quiz, foi tirá-lo das trevas em que se encontrava, trazendo-o para terras de cristãos e ao grêmio da sua Igreja, por meio das galeras da Sicília, onde em certa ocasião o aprisionaram.

*

E conta-se que chegando na distante Europa, os algózes que o prenderam, logo o puzeram em leilão, vendendo-o como escravo. E aconteceu ter sido comprado assim pelo

comerciante João Landavula, da vizinhança de Abola, perto da cidade de Noto, no Reino da Sicília.

Era o negro bem dócil e de natureza simples, sem aparência de qualquer rebeldia ou malícia. E por tal motivo o seu amo decidiu empregá-lo no ofício de pastor e lhe confiou o seu gado sem temor que fugisse, ainda que tivesse ocasião de fazê-lo, atraído por muitos mouros corsários que sempre navegavam naqueles mares.

Doía muito a seu amo, que era temente a Deus e bom cristão, vêr aquela alma perder-se. E assim procurou converter o seu escravo, fazendo-o abandonar a seita de Maomé para abraçar a santa fé católica. E isso pareceu fácil ao patrão, devido à simplicidade e boa índole do seu servo. E para tanto, o devoto homem iniciou com habilidade tôdas as diligências possíveis, encomendando-o com empenho a Nosso Senhor, de quem isso mais dependia.

Atendeu-o a clemência divina que em matéria do bem das almas nunca faltou. Abriu os olhos ao negro escravo para que visse com a própria alma a verdade da lei de Cristo e o engano daquela outra doutrina que até então estava seguindo. Foi quando êle próprio pediu para ser batizado e lhe deram o nome do glorioso Santo Antônio, prognóstico de que não só lhe traria a nome como lhe copiaria a vida, com a multidão dos milagres que iria realizar, com a ajuda de Deus.

Não foi a conversão desse bendito escravo sòmente operada para se tornar cristão,

de vida piedosa e normal, porque desde o dia em que recebeu o santo batismo se dedicou de tal forma ao serviço de Deus, que tudo quanto ouvia e se lhe dizia que pudesse agradecer ao Senhor, logo se punha à obra. E como ouvisse falar da virtude da abstinência, de tal sorte se enamorou dela, que não obstante o trabalho do corpo no campo, a praticava com tanto rigor que não comia senão uma só vez ao dia.

Sabendo disso, seu amo lhe recomendou que não fizesse mais do que as vigílias e têmporas.

Mas, o servo de Deus, para não desgostá-lo e dissimular melhor seu jejum, recebia cada dia a ração de pão que lhe davam e a repartia entre os pobres.

Dormia muito pouco, e de ordinário num patamar. Levantava à meia-noite e, desnudando-se, atirava-se ao chão e fazia a si mesmo grandes disciplinas, ficando em longo tempo em oração, dando golpes no peito e pedindo a Deus o perdão dos seus pecados.

Foi amicíssimo dos pobres e tão devoto do santo nome de Jesus que geralmente o trazia na boca e com essa soberana palavra falava aos que a êle se dirigiam.

Muito o aborrecia a ociosidade e para dela fugir, quando não orava, ocupava-se com trabalhos manuais fazendo objetos de palma, corôas e rosários de Nossa Senhora e os dava aos pobres, recomendando-lhes a devoção à Santíssima Virgem.

Ofendia-lhe muito ouvir tomar o Santo Nome de Deus, em vão, e suplicava ao Senhor

que perdoasse sempre àquêles que assim o faziam. E era com singular subtileza e caridade que repreendia aquêles que jurava, rogando-lhe, por amor de Deus, que isso não fizesse novamente. E como o seu zêlo era tão grande e sua caridade tão fervorosa, não só não lhe perdiam o respeito (pois que êle era negro e escravo), mas o tomavam como um grande pregador ou ministro de Deus.

E em alguns desses pecadores houve tal emenda que deixaram os seus vãos juramentos e em sua presença não havia quem dissesse palavra ociosa.

Quando permanecia no campo com outros pastores, chegando à noite se punha a dormir numa côva onde possuía um pobre leito de palha sôbre o qual repousava alguns momentos.

Duas vezes por semana, quando ia ao seu repouso, tinha o hábito de carregar uma grande pedra e a levava às costas por longo trecho do caminho, para assim fatigar ainda mais o seu corpo com essa mortificação.

Era de mui suave e branda índole, de poucas palavras e tardo em falar, e tão cuidadoso era em sofrer por tôdas as cousas que, dizem os que mais familiarmente privavam com êle, que nunca o viram aborrecido nem rebelado, por mais motivos que para isso houvesse. E sempre com tal quietude e sossêgo que a todos causava admiração, sendo assim por tal motivo muito amado. E ganhou tal reputação entre os habiantes de Ábola, com os quais viveu trinta e oito anos, servindo a

seu amo como pastor, que comumente o tinham por santo e como tal o respeitavam.

D. Nicola de Easxone, sacerdote de Ábola, seu confessor, que o assistiu e confessou por quinze anos, disse muitas vezes que nunca havia constatado nele qualquer culpa, mesmo venial, em todo aquêlo tempo; e assim afirmavam outros muitos que com êle tratavam mais familiarmente.

* * *

Tempos depois, aconteceu que o amo do bendito negro casou duas de suas filhas e como parte do dote deu a seus genros os seus lucros e . . . mais o seu escravo, carregando-o muito de trabalhos.

Acabadas as festas do casamento, os dois filhos do amo se foram com suas espôsas para a cidade de Noto, levando consigo o escravo Antônio. Ali lhe indicaram os pastos onde pascer o seu gado, fizeram-lhe uma cabana e o consideraram desde logo o maior entre os pastores.

E se em Ábola êle fôra solícito servidor da fazenda do seu antigo amo, ainda menos dela se descuidou em Noto. E, nem por ter mudado de terra, mudou os seus exercícios espirituais. Pelo contrário, cresceu muito mais em todo o gênero de virtude e santidade.

E quando o bendito negro chegou à velhice, como estava superado pelas muitas penitências que fazia, naturalmente se lhe acabaram as fôrças do corpo, mas, quanto mais estas lhe faltavam, mais cresciam nêle as fôrças do espírito e da alma, e assim nunca faltou às suas penitências e aos seus jejuns.

Orava continuamente, e como era seu hábito, à meia-noite se levantava para a oração, a qual fazia com muita reverência, a cabeça descoberta, mesmo que fizesse muito frio, e antes de amanhecer, voltava a orar até que se despertassem os outros pastores.

Isso feito, (apesar de haver-se disciplinado à meia-noite, por espaço de hora e meia), todos os dias se dirigia a uma cova e ali se desnudando, se submetia a outra muito mais áspera disciplina.

Como se divulgava na região, a santidade do bendito negro e aquela piedade e misericórdia com que dava tudo o que tinha aos pobres, êstes acudiam à sua cabana, vindos de tôdas as partes, e mesmo que fossem muitos, dava de comer a todos queijo, leite, pão e coalhada.

Por causa disso, outros pastores tomados de inveja e instigados pelo demônio o acusavam aos seus amos, dizendo que com aquelas práticas, os destruíam. Mas os amos que bem conheciam ao bendito negro, não fizeram caso das intrigas, exceto um deles, que vendo ser aquela distribuição muito avançada, aumentando também cada vez mais o número de pobres, lhe ordenou que não mais desse esmolas.

Isso muito magoou Antônio, que era o verdadeiro pai daqueles infelizes: e como os outros dois amos (porque era de três o gado), o vissem muito aflito e triste, lhe disseram: "Tio Antônio! (pois que embora fosse seu escravo, o tratavam com especial respeito),

pode dar aos pobres tudo que seja de sua vontade e ponha em nossa conta”.

Ao ouvir tal generoso oferecimento, o piedoso escravo e santo pastor ficou contentíssimo.

Aconteceu, entretanto, que nessa ocasião, um homem de Bucheri colocou duzentas de suas ovelhas em sociedade com os amos do bendito negro; mas como viram a liberalidade e largueza com que êle dava o leite e o queijo aos pobres, disse logo “que não queria que aquêle pastor guardasse o seu gado”.

E assim êsse homem avarento retirou os animais para que deles não fosse dado leite a nenhum pobre.

Mas Deus, na sua divina providência, veio em auxílio da sua criatura: e fêz com que em cada dia faltassem dois queijos a menos no total que antes lhe estava dando o escravo Antônio.

Verificando assim por experiência essa anomalia e constatando ainda mais a fôrça da caridade do santo pastor, voltou atrás pedindo aos outros companheiros que lhe aceitassem de nôvo as ovelhas.

E havendo-as dado, estêve de acôrdo em que usassem de caridade para com os pobres, e êstes, como era natural, logo que souberam terem voltado as ovelhas, acudiram como anteriormente a pedir. *

E aconteceu que desde êsse dia em que as ovelhas foram devolvidas, a renda do seu negócio passou a dar dois queijos a mais do que fazia quando as tinha consigo.

Diante dêsse milagre, deu licença então para que livremente fôsse dado aos pobres o que quisessem, pois era certo que as ovelhas que o santo negro guardava davam mais da metade do lucro dos outros pastores.

Posteriormente, numa grande enfermidade que acometeu o gado, chegaram a morrer oitocentas ovelhas dos amos do bendito negro, ficando por tal motivo muito aflitos e tristes. Consolou-os o seu escravo dizendo que tivessem paciência e esperassem muito mais de Deus em quem êle confiava, pois antes que o ano se acabasse, recuperariam todo o gado que havia morrido, sem que lhes faltasse uma só cabeça.

Com essas palavras, os amos ficaram mais tranquilos, e, ao fim do ano, foram vêr o gado, e perguntando ao "tio Antônio" pelas ovelhas, êste respondeu: — "Nunca a misericórdia de Deus faltou a quem verdadeiramente n'Ele confia". E lhes mostrou muitas ovelhas e cabras com seus cordeiros e cabritos, de dois em dois.

Vendo isso, os amos muito contentes as mandaram encerrar em seu curral e, contando-as, acharam o mesmo número de ovelhas que antes possuíam, sem faltar nenhuma das oitocentas que haviam morrido.

Considerando isso, e mais outros milagres e virtudes atribuídas ao servo de Deus, que haviam visto e constatado, temeram conservar como escravo a quem tanto e tanto tinha Deus por amigo.

E assim pensando, lhe deram carta de alforria, a fim de que pudesse ir-se embora para onde melhor desejasse. E ofereceram suas casas para nelas viver, onde melhor escolhesse, não como escravo, mas como dono e senhor de tudo quanto ali existisse.

Agradeceu o santo pastor essa dádiva e rendeu a Deus infinitas graças, e em sinal de reconhecimento vendo que os amos dêle ainda teriam necessidade para cuidar do gado, prometeu servi-los por mais quatro anos, sem nenhum interêsse de lucro.

Como tomou o hábito da Ordem Terceira e como apareceu uma estrêla sôbre a sua cabeça.

(Frei Antônio Daça — "Crônica Geral de S. Francisco —
Parte IV — Livro III — Capitulo XXXVII)

Os quatro anos em que voluntariamente serviu a seus amos, depois que lhe deram liberdade, não deixou faltar num só ponto nas coisas do seu serviço e da guarda do gado; sômente recebeu mais licença para ir às igrejas, e em particular ir a de São Teodoro, onde ficava todos os dias pelo menos durante duas horas, em oração, pela manhã e depois de ouvir missa ia para o seu trabalho.

E succedeu que estando apenas um dia, juntamente com dois outros pastores, de nomes Juan de La Licasta e Mariano de La Licasta, viram uma mula brava que vinha correndo, e atrás dela muitos homens soltando maldições, blasfemando e ofendendo a Deus.

O valoroso servo do Senhor então os deteve, embora estivessem alvoroçados, coléricos e furiosos. E com tôda a calma lhes disse: — "Não ofendais a Deus, nem maltrateis a pobre mula, pois em seu Santo Nome eu a apanharei e a colocarei em vossas mãos".

E voltando-se para a mula, disse: — "Animalzinho, pára em nome de Deus e deita-te aqui!"

Maravilhosa fôrça da palavra do santo e virtude admirável do nome do Senhor! porque assim que acabou de falar, a mula obedeceu e deitando-se por terra dôcilmente, ali ficou como se fôra uma criatura racional; e cha-

mando-a o servo de Deus, ela se achegou muito mansa e humilde, e êste repreendendo-a mansamente lhe disse: "Criatura de Deus, por quê não queres servir a teus amos?" E tomando com a sua própria mão o cabresto, o atirou ao pescoço e a entregou aos seus donos, dizendo: — "Ide em nome do Senhor e não jureis mais o nome de Deus em vão, porque já O ofendeste muito".

E levando sua mula, agora mais mansa que uma ovelha, os homens se foram para as suas casas.

Depois disso, o servo de Deus se dirigiu a uma cova perto dali e se pôs em oração.

Mas o pastor Mariano, que se havia escondido atrás de uma moita, o viu com um Crucifixo numa das mãos e uma pedra na outra, e enquanto rezava dava sôbre o peito crudelísimos golpes e pedia ao Senhor que perdoasse àqueles homens as injúrias que Lhe haviam feito.

* * *

Acabaram-se os quatro anos voluntários que o agradecido negro quis servir a seus amos e também às necessidades que êles tinham; e assim lhes pediu licença, e êles lh'a deram não sem muito pesar, e com as lágrimas de tôda a família que o tinha por pai e santo e sentia muito se apartar dêle.

Feitas as despedidas, dirigiu-se então aquêle servo de Deus a um hospital de Noto, e rogou ao mordomo, com muita humildade, ali o acolhessem, oferecendo-se para o serviço dos pobres.

Não foi difícil isso conseguir, tendo em vista a fama e a reputação de que gozava.

Recebido no hospital e iniciado o seu trabalho, logo que amanhecia já se ia para a Igreja matriz e ali visitava todos os altares, ouvia as missas e acabadas todas as cerimônias, se ia pelas ruas da cidade a pedir esmolas. E quando as esmolas fossem muitas para poucos pobres no hospital, repartia essas esmolas com os encarcerados, com os quais também teve muito cuidado, em todo o tempo da sua vida.

* * *

Havia, nesse tempo, na cidade de Noto, um nobre e muito piedoso varão chamado Blandano Terranova, que lia em sua casa livros devotos a pessoas tementes a Deus que ali se reuniam e lhes dava alguns documentos para lhes servir melhor.

Assim que disso soube o servo de Deus, tal como as abelhas em busca da flôr, dirigiu-se à casa do bom homem, sendo bem recebido por todos quantos a freqüentavam, os quais se alegraram muito com êle e o acolheram com satisfação em sua companhia, a cujas reuniões passou a acudir o bendito negro, tomando parte dos exercícios, sem que contudo faltasse aos seus encarcerados e aos seus pobres do hospital.

E passados alguns dias, repararam todos os da Congregação a fervorosa devoção que o bendito negro demonstrava aos exercícios de piedade e a atenção que dava às coisas de Deus e à vida dos santos, cujos relatos ali eram lidos.

Em vista disso, o aconselharam a tomar o hábito da Terceira Ordem do glorioso Pai São Francisco, e se fôsse ao deserto, tal como o havia feito há poucos anos antes o Beato Conrado Placentino, santo beatificado daquela mesma Ordem, regra e hábito.

Ao bendito negro aquilo lhe pareceu um bom conselho e o pôs em obra. Entre os próprios componentes da agremiação conseguiu a dádiva da túnica e do hábito.

Recebeu então fácil admissão das mãos dos guardião do Convento de Santa Maria de Jesús, dos Padres Observantes, na mesma cidade de Noto e deixou depois o hospital.

E para servir com mais tranquilidade ao Senhor e fugir à fama dos seus milagres e às honras que todos lhe tributavam, se foi para o deserto, e em uma cóva ou ermida que nela instalou, fez o santo negro a sua morada, passando a viver uma vida mais angélica que humana.

Mas como à fraqueza do corpo não é permitido orar sempre, sem descanso, os instantes que da oração lhe sobravam, gastava-os a cultivar uma pequena horta, onde se recreava.

Não ia à cidade senão poucas vezes e assim mesmo só para receber os sacramentos, de ordinário de mês a mês ou de quinze em quinze dias. E inquirido porque não comungava mais a miúdo, respondia que era mui grande atrevimento para um negro, vil escravo como êle, e tão grande pecador, chegar-se ao Senhor mais vezes.

Passou a ser tão grande a fama de santidade do irmão Antônio, depois que partiu para o deserto, que a cada momento mais crescia entre os moradores de Noto a lembrança de suas virtudes.

Com a sua vida exemplar moveu o coração de outros irmãos da Ordem Terceira que viviam em suas casas, a deixá-las por amor de Deus e se fossem também com êle ao deserto.

Entre êsses, veio um de nome Miguel de Vitorino, que estêve com êle por dois anos, e depois Conrado de Cortési, Francisco Golvário, natural de Preni, Aleixo Clérigo, natural de Noto, e outros mais, entre os quais o bendito negro era o branco de alma em quem todos punham os olhos. E era tão humilde como fôra quando escravo deles, que como tal servia a mesa e aos que com êle faziam vida solitária no deserto, enxugando os pratos, lavando panelas e ocupando-se de mais trabalhos para que os outros tivessem ensejo de tempo mais livre.

Quando ia à cidade de Noto, a pedir esmolas para os companheiros que deixara no deserto, muitas vezes ocorria que, por ter de dá-las também aos seus pobres, as multiplicava milagrosamente a graça do Senhor. E quando transitava pela cidade, saía o povo à rua, uns para vê-lo e outros para beijar-lhe a mão, e muitos ainda para pedir e obter a graça da saúde para as suas enfermidades.

E é aqui, então, que vemos multiplicadas as benemerências de Deus, através do santo escravo, concedendo a muitos que por sua

intercessão suplicavam, inúmeras graças, das quais se destacaram, de início, as seguintes:

- Paula de Tamblindo estêve dois anos enferma de um tumor na cabeça e encontrando o servo de Deus perto da igreja matriz de Noto, lhe disse:
— “Senhor! (assim o chamavam pela grande veneração em que o tinham), sara-me!” E inclinando-se para beijar-lhe a mão, êle não o consentiu, dizendo: — “Esta honra é a Deus que tendes de dar e não a negros escravos, mas pode confiar no Senhor que Êle te salvará”. E colocando suas mãos sôbre a cabeça da enferma, esta sarou logo, milagrosamente.
- Mestre Antônio Testacuti estêve seis meses muito grave, vitimado por uma apostema no estômago, quase incurável. Pois bem, só com tocá-lo, fazendo sôbre êle o sinal da Cruz, o servo de Deus o curou.
- E a um menino que estava sofrendo muito devido a uma perigosa queda, fazendo sôbre êle o sinal da Cruz e pondo-lhe a mão sôbre a fronte, lhe deu total saúde.

* * *

Em cada dia mais se descobriam as riquezas de perfeição e santidade que o negro tinha em sua alma, pelos muitos milagres que por seus merecimentos, fazia.

Ocorreu, então, que, num domingo, o da Quinquagésima, estando êle a orar na igreja

de São Salvador, de Noto, convento de monjas, de repente o seu rosto se tornou tão resplandecente que parecia dêle saírem chamas, ante o espanto de todos quantos o contemplavam.

De outra vêz, Soror Aurélia de Salonia, abadessa do mesmo Convento, indo à nave principal, viu diante do altar-mór um globo de fogo muito claro. Admirada dessa visão, retirou-se para o interior do templo, mas voltando logo sôbre si e indo até o centro da igreja, no mesmo lugar onde vira o fogo, encontrou ajoelhado e pôsto em oração, sob o resplendor, o bendito negro. Chamou-o por duas vezes, mas êle não a ouviu, nem mesmo ao terceiro chamado, porque estava absorto em Deus, como que fora de si. Mas quando retornou daquele êxtase maravilhoso, trocaram os dois algumas palavras, até que o servo se despediu da Abadessa e se foi.

Não se tratou posteriormente do caso, até que após a sua morte, constatando-se cada vez mais os milagres que o Senhor fazia através dos seus merecimentos, revelou ela, também, sob juramento, que na igreja não se achou depois da visão rastro algum do fogo que a deslumbrara, e nem coisa alguma queimada que justificasse um natural incêndio.

* * *

André Tamblindo revelou que uma outra religiosa do referido Convento de São Salvador, de Noto, lhe disse que "estando o irmão negro orando na mesma igreja, e com êle

muitas pessoas, em dado momento repararam com estupefação que sôbre a sua cabeça surgia uma estrêla luminosa. Maravilhada com o acontecimento, a dita religiosa esperou para aproximar-se dele e, comovida, deu-lhe esmolas como a um privilegiado da graça.

Dessa forma e de outras mil, honrava Deus a seu servo e o dava a conhecer ao mundo, operando através dele maravilhas e soberanos milagres.

* * *

**Da sua bemaventurada morte e de
outros milagres com que manifestou
Deus sua santidade.**

(Frei Antônio Daça — "Crônica Geral de S. Francisco —
Parte IV — Livro III — Capítulo XXXVIII)

Estando o servo de Deus na igreja, sentiu que um calor continuado o molestava, como uma febre alta. E agravando-se muito o mal-estar, foi até a cidade, em casa dos seus amos Miguel e Vicente Tamblindo, onde permaneceu alguns dias até que pediu com muita instância o levassem a um hospital.

Sentiram muito os seus amos e lhe disseram: — "Tio Antônio, não nos magoe em querer deixar esta casa, pois que tudo quanto puder nela ser feito o faremos para o vosso serviço, com todo o prazer".

Mas, humildemente, respondeu o bendito negro: — "Eu vos agradeço a caridade que me haveis feito. O Senhor vos pague, mas desejo ir ao hospital porque ali poderei ouvir missa a miúdo, pois que muito sente a minha alma não vêr em cada dia a presença sacramental do seu Deus".

Levaram-no, então, ao hospital e ali pediu que lhe puzessem a cama em lugar onde pudesse ouvir missa. E ali estêve nela quatro dias, na qual sempre o achavam de joelhos, orando, mesmo que mal pudesse se ajoelhar devido já à sua velhice e enfermidade.

Estando mesmo para morrer, persuadiu-lhe um sacerdote chamado D. Lucas Zicurde que pedisse para ser sepultado na igreja e capela do Santo Crucifixo daquela cidade.

Mas o santo respondeu excusando-se com muita humildade, pois isso êle não merecia, visto considerar-se o mais indigno escravo do mundo. E assim preferia ser sepultado na casa do seu seráfico Pai S. Francisco, no Convento de Santa Maria de Jesús, daquela cidade, onde havia recebido o seu hábito de terceiro franciscano.

Estando assim mui próximo da morte o servo de Deus e permanecendo à sua cabeceira o fiel sacerdote D. Zicurde, pareceu-lhe ouvir distintamente uma suave música celestial que lhe empolgava de emoção o corpo já moribundo. Mas ainda conseguiu dizer: — “Padre Zicurde, onde estão êsses instrumentos de tão suaves harmonias como os que aqui soam? Não os está ouvindo V. Revma.?” E D. Zicurde lhe respondeu que muito bem os ouvia. . .

Então, o servo de Deus, juntando as mãos, deu graças e entregou a sua alma ao Senhor. Mas não o fêz sem antes receber todos os sacramentos com muita devoção e respeito. Era no dia 14 de março do ano do Senhor, de 1549.

Logo tocaram sinos. Eram os sinos da cidade que, por si mesmos, começaram a vibrar, sem que pessoa alguma os tivesse movimentado. E ante essa maravilha todos louvaram ao Senhor pela glória do seu privilegiado servo.

Acudiu tôda a cidade ao hospital, ao ter conhecimento da sua morte, a fim de beijar-lhe as mãos e de tal maneira desejou o povo

levar um retalho do seu hábito, que se não fosse defendido o teriam por certo deixado desnudo. Muitos levaram um pouco de terra que estava por baixo da sua cama. Outros, com a mesma devoção, corriam até o monte onde tanto tempo vivera, para guardar alguma coisa sua e até mesmo os trapos e palhas do seu catre trouxeram como relíquias.

Ordenou-se o seu entêrro e acudiu a autoridade eclesiástica da cidade, com todos os religiosos, mais o Juiz e seus serventuários. Não faltou depois homem ou mulher que não acoresse ao seu entêrro, como se fôsse uma procissão geral. E tanta gente houve, que impediu o trãnsito nas ruas, sendo que para atingir o hospital já não era possível nem por diante nem por traz, ficando todos os caminhos coalhados de devotos e curiosos. E para vêr o santo corpo do escravo, muitos subiram às árvores e ouvia-se murmurar: "Morreu um santo! Um santo homem morreu!".

E foi tamanha a multidão que se juntou ali para acompanhar o seu entêrro que D. Simão e D. Pedro de Ansaldo, sacerdotes que ali se achavam, testemunharam que nem mesmo na festa do Santo Crucifixo, nem na de São Conrado, havia tanta gente junta, pois que acudiam de muitas e distantes partes. E era de ver e admirar as muitas luzes e os cânticos com que era acompanhado o corpo, o qual foi levado aos ombros pelos servidores da Justiça Pública do local.

Foi sepultado em um sepulcro de pedra, sob a terra, dentro de uma Capela, no Convento dos Frades Menores.

E é fato notório que no dia do seu entêrro sarou a muitos enfermos e as muletas de numerosos aleijados se juntaram na mesma Capela, voltando os mesmos completamente sãos para as suas casas.

Conta-se que Gerônimo de Sortino, um dos seus muitos devotos, logo que soube da morte do servo do Senhor, foi correndo ao deserto, e como ia depressa pôde chegar à sua cova a tempo de ainda ali achar umas pequenas cruces de madeira e um banquinho tosco em que Antônio costumava sentar-se. E êste objeto, por ser obra de suas mãos, foi ofertado a uma senhora de nome Branca de Belhomo, a qual pela grande devoção que tinha ao servo do Senhor, o forrou com pano carmezin. E fazendo que um filho seu puzesse sôbre êsse banco a perna doente que estava infeccionada e sem remédio apesar de já haver recorrido a muitos sem proveito, lhe foi êsse gesto tão eficaz que, tão bem como o quiz Nosso Senhor, recobrou imediatamente a saúde que tanto desejava, sendo êle e sua mãe os pregoeiros dêsse grande milagre.

Outro caso: Paula de Tamblindo, mulher de Pedro de Tamblindo, tinha grandes dôres nos rins, e com quantos remédios lhe tratavam os médicos, mais ela piorava. Mas como tivesse muita fé e devoção ao Santo, porque em sua vida já lhe havia dado a saúde quando de outra grave enfermidade, acudiu ao seu sepulcro após o seu entêrro e ali diante do túmulo disse-lhe estas palavras: — "Tio Antônio, eu creio que estás na glória do Senhor e assim suplico que rogueis que, por sua misericórdia, me tire êste mal que tanto

me aflige. Ouviu-a Nosso Senhor pelos méritos do seu Servo e imediatamente ficou sã e retornou à sua casa como se nunca tivesse tido aquêlê mal.

Clara de Infantina, outra paciente, estêve nove anos enferma com o braço aberto por dois cautérios de fogo que tanto a magoavam que lhe punham os ossos à mostra. E em seguida a isso lhe sobreveio outro mal chamado "fogo frio", ficando em estado desesperador. Mas, ouvindo falar dos milagres que o servo de Deus fazia, curando várias enfermidades, um dia antes do domingo de Ramos foi à capela do finado e colocou o seu braço enfêrmo sôbre a sepultura, encomendando-se ao Senhor e pedindo que a livrasse de tão grande dôr pelos merecimentos daquele seu tão devotado servo. E pondo sôbre o braço enfêrmo um pouco de terra da sepultura do Santo, logo ficou completamente sã.

Uma negra escrava de Mariano Come-niel, ouvindo relatar os milagres que Deus operava, por intercessão de seu santo negro, foi visitar seu sepulcro e a êle se encomendou, pedindo que lhe sarasse a mão esquerda, pois a tinha ressecada e com os dedos encolhidos sem que os pudesse estender. Feita essa prece, adormeceu e ao acordar encontrou milagrosamente sã a sua mão, como se nunca a houvesse tido sêca.

Vistas essas coisas por Nicola de Sortino, do hábito de S. João, e por Orlando de Sortino, seu irmão, fizeram êles ao servo uma ermida no mesmo monte em cuja cova êle viveu. E muitas vezes passaram a enviar

azeite para uma lâmpada que ardia diante do seu sepulcro.

Soror Júlia de Burgesi, monja professa do Mosteiro do Salvador, de Noto, na Sema-na Santa, depois da morte do santo Escravo, queimou uma das mãos. E confiante no poder de intercessão do finado Antônio, também ela pôz um pouco de terra da sua sepultura sôbre a lesão, implorando: — "Tio Antônio, ajuda-me. Se em vida fostes nosso amigo, sêde-o também agora, tirando-me esta dor". E tal como desejou, imediatamente a dôr passou.

Antônio Labagatua, natural de Bucheri, localidade vizinha de Noto, teve por quase três anos um corrimento no lado esquerdo, tão forte e contínuo que lhe fêz cair a pele da pálpebra do olho, bem como os dentes. Mas ouvindo as maravilhas do velho negro, poz sôbre o olho enfêrmo a terra da sua sepultura e, pela manhã, o encontrou completamente curado, saindo a inchação e a dôr, e ficando-lhe tão clara e perfeita a vista, como se nunca tivesse tido enfermidade alguma no olho. E isso testemunharam pessoas presentes ao milagre que o constataram com os próprios olhos.

Continuando a majestade divina a honrar a seu servo Antônio com os muitos milagres que por seu merecimento concedia, com o concurso do povo mandou o Bispo de Saragoça, na Sicília, D. Juan Orozco, ao seu vigário em Noto que collocasse o santo corpo em lugar destacado e honrado.

A essa notícia, acorreu muito povo para assistir a transladação, presentes os Juizes da

cidade, e o puzeram numa arca mui formosa, instalado sôbre um altar aberto dentro da parede.

Posteriormente, como os habitantes de Ábola tivessem conhecimento desses fatos e dos milagres e maravilhas que Deus fazia pelos merecimentos do seu servo Antônio, acharam que por haver êle se batizado em Ábola, nesta cidade deveria permanecer. E determinaram que fôsse uma comissão ao Mosteiro de Santa Maria de Jesús, da cidade de Noto, onde o corpo se encontrava e do melhor modo tudo fizessem para que não o pudessem furtar, mas levá-lo para a sua cidade.

Ouvindo isso os habitantes de Noto logo puzeram homens armados para que dia e noite guardassem o santo corpo, nomeando então para êsse serviço o Capitão André Tamblindo, homem animoso e valente. E tão boa conta deu êle em velar aquêle precioso tesouro, que os habitantes de Ábola não mais se atreveram a perseverar no seu intento.

Constatou-se que durante o tempo em que os homens de André Tamblindo guardavam o sepulcro de Antônio, a êle vinham muitos enfêrmos, mancos, côxos, parálíticos que logo iam alcançando a sua cura, por seus merecimentos. E viram que, em sinal de gratidão, ali deixavam as muletas e se volviam sãos às suas casas, louvando ao Senhor e bendizendo ao seu Santo Escravo.

E como alguns dias depois se propalasse que os habitantes de Camarata haviam furtado do sepulcro o santo corpo, os juizes de

Noto foram ao Convento pela segunda vêz e mandaram abrir a parede onde em tempo se haviam colocado os valiosos despojos.

Ao abrirem a arca onde estava o corpo, saiu dela tanto olor suave e ameno que parecia coisa celestial e soberana.

Os Juizes que estavam ali presentes logo determinaram que se fizesse uma arca melhor, mais rica e doirada. E assim foi feito, tendo sido posta sôbre o mesmo altar, dentro da parede, com uma grade de ferro para que assim o santo corpo estivesse mais seguro, podendo ser venerado sem temor de furto.

Esse fato ocorreu a 13 de abril do ano do Senhor de 1599 e é pública fama que ainda hoje o corpo de Antônio de Categeró está ali inteiro, sem corrupção alguma.

Atualmente a estampa do Santo e sua figura é tida em grande veneração. E a Santa Inquisição, atenta à seus grandes milagres e sua autêntica santidade, deu licença para que se pintasse um diadema sôbre a cabeça, em sinal da glória de que goza em sua bemaventurança.

Essa é a linda história do **"santo prêto de alma branca"**, que tantos séculos depois ainda empolga o mundo com a projeção do seu nome e a realidade positiva dos favores e graças que proporciona aos seus devotos, em todo o lugar em que seja invocado.

Louvado seja o Bemaventurado Antônio de Categeró!

**A DEVOÇÃO
DO
BEMAVENTURADO
ANTÔNIO DE CATEGERÓ
E A
MATRIZ DA FREGUESIA DO Ó
Reminiscência história**

**Apêndice com a Novena do Bemaventurado
Velhas igrejas**

A MATRIZ DA FREGUESIA DO Ó

Quando se fala de velhas igrejas, remonta-se desde logo aos dias da nossa infância, aos cenários da roça ou mesmo àqueles em que na cidade modesta a igreja sempre era o centro de tôdas as atenções.

Que saudade infinita nos traz a capelinha onde nossa mãe nos levou pela primeira vez a ver o padre, rezar em silêncio, contemplar os altares, fitar as volutas do incenso e permanecer de boca aberta ante a comoção que a própria fé nos ia pouco a pouco tomando a adolescência.

Assim como no Brasil as cidades nascem e crescem em tórno das capelas do sertão ou das matrizes rústicas das capitais que evoluem, assim nossa alma, nossa inteligência e nosso coração têm suas raízes no sentimento religioso que alimentou nosso primeiro ideal e seguiu nossos primeiros passos.

Há aqui em São Paulo, por exemplo, uma velha igreja, entre as mais velhas, que se cobre de tradição e de poeira mística e à

qual devem estar ligados pela saudade os que hoje, vencidos em anos, ainda permanecem para lembrar. . .

Queremos falar daquela ermida avoenga que, um dia, um certo Manoel Prêto ergueu na Freguesia do Ó, e que hoje é, depois de trezentos anos, a respeitável Matriz de Nossa Senhora do Ó, ainda bela de relíquias que se perdem no tempo.

Distante légua e meia do centro urbano de Piratininga, a matriz da Freguesia está ligada pelo passado a essa curiosa figura de Manoel Prêto, bandeirante da região do Ó, que tinha a seu serviço mais de mil escravos índios em sua fazenda de plantação de cana, ali por 1580, nas imediações do Morro do Jaraguá.

Esse nome de "Freguesia do Ó" data de 1637, mas, antes disso, Manoel Prêto que era muito devoto de Nossa Senhora, resolveu erigir em terras de sua propriedade uma capela dedicada à Virgem, alegando que não podia ir à cidade para assistir aos ofícios religiosos e nem o seu povo escravo podia afastar-se para tal fim.

E a capela, rústica, pequenina, mas viva de emoções e de festas, foi levantada em 1610.

Mais tarde, em 1795, já morto Manoel Prêto, coube ao Padre Franco da Rocha reedificar a igreja, que, enfim, ali pelo ano de 1796, mereceu ser séde de Paróquia, no mesmo dia 26 de março, em que se criava naquele ano a velha e tradicional hoje Paróquia de Nossa Senhora da Penha.

Conta-se que em abril de 1685 uma expedição de valentes paulistas que desbravava os sertões, parou na Freguesia do Ô para descansar e ali orando ajoelhados e contritos, pediram a proteção da Virgem da Esperança para a sua jornada.

Mas, por que será que se chama assim "do Ô" essa localidade?

Alguns dizem que vem da admiração que os cabôclos manifestavam à vista da imagem de Nossa Senhora, exclamando: "Ó linda! ó majestosa! ó doce Virgem Maria! Outros proclamam que o nome vem das antifonas cujos textos invocam e exaltam a Virgem Santa e o poder de Deus. E essa é a mais certa interpretação.

Mas, uma coisa deve ser esclarecida: não é a mesma capela, aquela que hoje aparece na Freguesia do Ô. A atual igreja é o resultado das reformas subseqüentes, principalmente da que substituiu em 1896 a primitiva construção de Manoel Prêto, devido a um incêndio irrompido pela madrugada e que devorou tôda a vetusta capelinha original, salvando-se apenas a cabeça da imagem da Padroeira que, por verdadeiro milagre, ficou incólume. Essa cabeça, verdadeiro jóia de antigüidade e religião, está hoje conservada na atual Matriz e pode ser divisada encaixada no arco central que adentra o presbitério. Ninguém lhe sabe a história, mas a verdade é que ela ali está como uma lembrança inestimável.

Para finalizar, convém dizermos aqui qual foi a origem do incêndio que assim destruiu a capelinha. Foi nada mais, nada menos que um ninho de marimbondos que apareceu no portal, passando a incomodar os fiéis durante as cerimônias. Para debelar esse mal, o zelador teve a idéia de pretender queimar os marimbondos com uma tocha embebida em álcool e de tal maneira desastrada o fez que ateou fogo ao velho portal de madeira seca, causando o rápido incêndio que destruiu toda a capela.

Mas se hoje há uma nova e linda igreja no mesmo lugar, há também a alegria imensa de constatarmos como é intensa a devoção à Virgem da Esperança, da Expectação, Nossa Senhora do Ô, naquele local para onde afluem, mercê da fama de sua Padroeira e, agora, devido à projeção que Ela mesma quis dar ao seu santo escravo, Antônio de Categeró, repetidas multidões de devotos que, de toda parte lhe vão prestar o culto da maior veneração.

**NOVENA
AO BEMAVENTURADO
ANTÔNIO DE CATEGERÓ**

Oração para todos os dias

Ô glorioso Antônio de Categeró que revelastes tanta humildade e pureza no exercício do amor ao próximo, e tantos exemplos de retidão de costumes, de disciplina e penitências destes ao mundo com a vossa vida nitidamente franciscana, — atendei a nossa súplica intercedendo junto à Divina Majestade de Deus pelas nossas necessidades espirituais e temporais.

Vós que fostes o santo prêto de alma branca, modesto escravo depois libertado para melhor servir aos interesses da fé, afervorai nossa piedade e confiança, para que um dia, alcançemos também a inteira liberdade dos filhos de Deus, em vossa companhia. Assim seja.

1.º dia

Bem-aventurado Antônio, cognominado "o prêto", grande defensor dos aflitos e amargurados, também chamado, por vossas inigualáveis virtudes, "Santo Antônio de Categeró", ouvi a nossa súplica para que neste primeiro dia da novena que vos oferecemos, tenhamos a feliz confiança de vossos merecimentos.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

2.º dia

Bem-aventurado Antônio, que viestes ao mundo na simplicidade agreste de um lar escravo, da cidade de Barka, na Cirenáica africana, atendei, complacente, aos nossos rogos, para que por vós sejamos libertados de nossas dores, angústias e aflições.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

3.º dia

Bem-aventurado Antônio, que professando em princípio a seita maometana, fostes, por um feliz acaso, prisioneiro dos Cristãos, a fim de que tal prisão vos fizesse liberto pela graça de Cristo, intercedei junto a Jesús por nós, amparando-nos na tibieza de nossas convicções para que por vós sejamos fortalecidos também na graça santificante.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

4.º dia

Bem-aventurado Antônio, que destinado ao trabalho das galeras, fostes deportado para a Sicília, onde sofrestes duas penas como escravo, fazei que também saibamos suportar as provações da vida com a mesma conformidade das vossas atitudes.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

5.º dia

Bem-aventurado Antônio que renunciando aos erros de Maomé vos fizestes pastor de rebanhos por força da misericórdia divina onde aprendestes a tarefa futura de apascentar as ovelhas humanas, orientai a nossa fé na compreensão perfeita da grandeza de Deus.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

6.º dia

Bem-aventurado Antônio, que de alma sincera e retidão de princípios vos fizestes modelo de abnegação e de coragem, dai-nos a ventura de seguir vossos exemplos na conquista da paz interior.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

7.º dia

Bem-aventurado Antônio, que recebendo da Divina Majestade a doçura de tôdas as bênçãos, ingressastes pelo batismo na côrte eleita dos filhos de Deus, fortalecei cada vez mais a nossa crença nos mistérios da nossa fé.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

8.º dia

Bem-aventurado Antônio, que soubestes vencer as fraquezas do corpo pela vigília e

pela penitência, disciplinados em vossa índole de asceta, dai-nos a ventura de imitar os vossos méritos para a maior glória de Deus.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

9.º dia

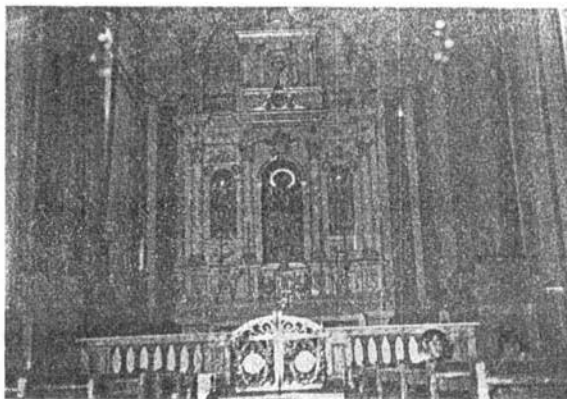
Bem-aventurado Antônio, que dedicastes grande parte de vossa vida à oração e ao trabalho, honrando o hábito da Ordem Terceira de São Francisco, com a verdadeira dignidade dos eleitos, intercedei benigno junto ao trono do Altíssimo para que obtenhamos a graça de que carecemos e que suplicamos nesta novena.

(1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e 1 Glória ao Pai)

IGREJA NOSSA SENHORA DO Ó



VISTA EXTERNA



VISTA INTERNA

FREGUESIA DO Ó



232884

1 ed. 1

Historia do bem-aventurad

IGREJA da FREGUESIA do Ô
onde cresce dia a dia a devoção do
BEM-AVENTURADO ANTÔNIO DE CATEGERÓ